

**Em cruzada pela virtude:**

**Inquietações, possibilidades metodológicas e abordagens acerca do processo de formação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Província Nossa Senhora de Lourdes 1960 – 1990.**

Caroline Jaques Cubas - UFSC

*Seus conventos serão as casas dos doentes;  
suas celas, um quarto de aluguel;  
suas capelas, a igreja paroquial;  
seu claustro, as ruas das cidades ou as salas dos hospitais;  
terão por clausura a obediência;  
por grade, a crença em Deus,  
e por véu a modéstia<sup>1</sup>.*

Sinos, cantos incorpóreos, trabalhos, orações, vícios e virtudes. Tendo por palco bucólicos campos ou claustrais construções, é geralmente bastante romântica a imagem criada acerca daqueles e daquelas que se dedicam à vida religiosa. Na literatura, onde o mundo monástico é comumente envolto nesta aura de fantasia, sensibilidade e mistério, encontramos o respaldo necessário para a manutenção de tal imagem. Seja protagonizando romances, como em Umberto Eco ou Diderot, onde atuam, respectivamente, Frei Guilherme de Bakersville ou a Irmã Suzanne Simonin imersos em sortilégios e consagrações, ou apenas figurando e servindo de apêndice às narrativas, como em Shakespeare ou Victor Hugo, podemos recorrer a vários personagens, mesmo que representantes de diferentes escolas literárias, se desejarmos nos envolver nesta sensibilidade romântica. Não precisamos, no entanto, nos restringir à Europa, pois Martins Pena, Bernardo Guimarães e Raul Pompéia são três exemplos categóricos da representatividade de tal imagem em terras brasileiras.<sup>2</sup> Narrativas acerca da vida religiosa não se limitam, porém, apenas ao mundo literário. Ao revisitar nossas próprias lembranças é muito

raro aqueles que não trazem consigo a referência a um padre ou uma freira em especial. Falemos, agora, especificamente de freiras.

Em meus tempos de meninice elas sempre estiveram presentes. E não poderia ser diferente para uma aluna do Colégio São José, de Itajaí, mantido desde 1941 pela Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição. O encanto e o medo eram dois sentimentos que se permeavam cada vez que as observava a distância. Sempre à distância. Recordo-me delas como entidades inatingíveis, oscilando entre aquilo que eram e aquilo que meus sentidos ordenavam que fossem.

Com o passar dos anos minha interpretação acerca da atuação dessas mulheres foi sofrendo modificações. O respeito e o receio não. Ainda tenho ressalvas quando delas preciso me aproximar, todavia agora sei que seu alcance vai bem além dos muros do imponente Colégio São José. As concepções acerca da atuação delas foram sendo transformadas ainda durante os anos de escolarização quando, anualmente, assistíamos à biografia de Madre Paulina do Coração Agonizante de Jesus que, além de fundadora da congregação, ostenta agora o título de santa obtido em 2002, após longo processo de canonização.<sup>3</sup> O filme ao qual me refiro é a descrição factual da trajetória de Madre/ Santa Paulina desde os tempos em que, respondendo ainda pelo nome de Amábile Lúcia Visintainer, acompanhou sua família, deixando o Vígolo Vattaro, em Trento, na Itália já unificada de 1875 e se estabeleceu em Santa Catarina, nas terras onde hoje se localiza o bairro de Vígolo na cidade de Nova Trento. Ao narrar a obra de Amábile e suas companheiras, o filme apresenta também o processo de fundação e expansão da própria congregação, afinal, tais histórias se permeiam.

A Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição, fundada em 12 de julho de 1890, é a primeira congregação religiosa feminina do sul do Brasil. Estendeu suas fronteiras para além da cidade de Nova Trento, onde foi instituída e, atualmente, encontra-se organizada em quatro províncias e uma regional. São elas: Província Nossa Senhora de Lourdes, com sede em Itajaí; Província Imaculada Conceição, com sede em São Paulo; Província Coração de

Jesus, com sede em Belo Horizonte; Província Imaculado Coração de Maria, com sede em Cuiabá e a Regional Virgem de Guadalupe, com sede em Manágua, na Nicarágua. Além de estar presente em quinze estados brasileiros, a Congregação possui comunidades na Colômbia, no Chile, na Bolívia, na Nicarágua, na Guatemala, em Tchad e Camarões, na África e em Vigolo Vattaro, na Itália.<sup>4</sup> Atuam, majoritariamente, na área da educação, da saúde e do trabalho pastoral, entretanto, mesmo durante o trabalho pastoral, o atendimento em hospitais, centros terapêuticos e postos de saúde, continuam indiretamente educando afinal, de acordo com o que propõe os Estudos Culturais, o trabalho educativo não se restringe, necessariamente, à escolarização.<sup>5</sup>

A questão do trabalho educativo, aliás, é a pedra fundamental sobre a qual foram - e estão sendo - erigidas minhas reflexões, as quais engendraram esta comunicação. Acredito que o trabalho das Irmãzinhas da Imaculada Conceição seja relativamente visível atualmente, principalmente após a instituição de Madre Paulina enquanto santa. No entanto, faz-se bastante ponderável refletir acerca de quem são estas Irmãzinhas. Ao discutir sobre a atuação delas dentro de um amplo projeto educativo esquecemos, muitas vezes, que elas também foram – e continuam sendo - educadas. Diferente do que eu pensava aos oito ou nove anos de idade, estas irmãs não nasceram de hábito. Passaram, inquestionavelmente, por um processo de educação formal e informal onde, além de idéias educadas, tiveram também seus corpos moldados. Foram educadas para educar e servir. Servir ao próximo e servir de exemplo, de parâmetro e referência comportamental.

Quais as marcas deixadas por tal trajeto? Como se processa a transformação de adolescente-peralta em irmã-exemplo? Quais os sentidos e sentimentos que compõe, afinal, este vir-a-ser irmã e, posteriormente, quais as implicações existentes em ser, efetivamente, uma religiosa? Ocupar a posição/ função de freira/ irmã da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição acarreta uma série de pressupostos e, o primeiro deles é, indubitavelmente, servir. Servir seguindo os preceitos *de Jesus Cristo, assumindo seu projeto*

*de estilo de vida, expressos no Evangelho e estabelecidos nas Constituições.*<sup>6</sup> Ao seguir os preceitos estabelecidos nestas constituições, segue-se, conseqüentemente, à instituição que as elaborou, ou seja, a Igreja Católica. Tais constituições, entretanto, não são estáticas. Sofrem reelaborações e, nas últimas décadas, tais modificações podem ser relacionadas com as determinações do Concílio Ecumênico Vaticano II, o qual se desenvolveu entre 1962 e 1965. De acordo com a Irmã Leodi Bolzan<sup>7</sup> as resoluções do Vaticano II possibilitaram maior abertura à Igreja Católica, mas, ao mesmo tempo, criaram alguns impasses, como os ocasionados pela não obrigatoriedade do uso do hábito, fato que contrariou absolutamente os mais conservadores e fez com que muitas abandonassem a vida religiosa.

De qualquer forma tal Concílio, seguido pelas reuniões do Conselho Episcopal Latino-Americano em Medellín, Colômbia, no ano de 1968 e em Puebla, México, no ano de 1979, definiu novos parâmetros para a atuação religiosa, determinando práticas divergentes daquelas definidas pelo catolicismo ultramontano de outrora. Tais determinações foram certamente sentidas, direta ou indiretamente, por aquelas que, durante este mesmo período, dedicavam-se à vida religiosa. Bastante representativo é, portanto, o depoimento de uma aspirante dos anos oitenta que, ao narrar sua experiência nas casas de formação, conta que suas colegas estavam mais interessadas em discutir questões conjunturais do que nas aulas de mariologia proferidas pela Irmã-formadora. Tal discussão foi categoricamente freada pela irmã com a assertiva de que política era coisa do PT.<sup>8</sup>

Percebe-se, assim, que a conjuntura política, econômica e social figurava entre as preocupações de algumas das moças que se dedicavam à vida religiosa, ou seja, elas não viviam em um mundo à parte, isoladas por entre as paredes espessas e gélidas de um convento com estruturas medievais. Dessa forma, torna-se demasiado instigante refletir acerca do processo de formação e da atuação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição exatamente neste momento em que as próprias estruturas da Igreja Católica enquanto instituição estavam em processo de redefinição, ou seja, durante o período que vai de 1960 a 1990. Sendo assim,

venho, através desta comunicação, sugerir algumas possibilidades metodológicas e diferentes abordagens acerca do tema em questão.

Consciente das limitações de um trabalho que visa enquadrar-se dentro nas novas perspectivas do fazer historiográfico, a delimitação espacial da pesquisa torna-se ponto fundamental. Neste caso, é o próprio objeto de pesquisa que vem determinar suas fronteiras, mesmo que de uma forma não-convencional. Um dos consensos existentes dentro da Congregação diz respeito a não criação de vínculos ou “raízes”. Tal consenso, mesmo quando não verbalizado explicitamente, construía-se – e assim ainda o é - através de uma série de práticas, entre as quais uma das mais categóricas era a itinerância. As etapas de formação não se davam apenas em uma casa ou cidade, mas em várias, sendo todas pertencentes a mesma província. Por este motivo, ao invés de elencar uma cidade ou uma única casa, delimitaremos como recorte espacial a Província Nossa Senhora de Lourdes, com sede em Itajaí, por abarcar, dentre outros, o estado de Santa Catarina possibilitando, destarte, maior mobilidade às reflexões. A questão territorial não está sendo vista somente a partir de fronteiras políticas ou geográficas, porém socialmente construídas e, portanto, simbólicas.<sup>9</sup>

Pensar a Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, a partir da perspectiva da história das religiões e religiosidades nos abre um amplo leque de possibilidades metodológicas. Em um primeiro momento, é possível problematizar as representações e motivações que engendraram a busca pela vida religiosa. Sabe-se que a procura por uma congregação religiosa pode ser incitada por diferentes motivos, desde um chamado vocacional até a tentativa de fuga de uma realidade deveras desencantada, onde a vivência institucional da religião apresenta-se como oportunidade única de estudo, erudição e distinção social.<sup>10</sup> Para isso, fazem-se fundamentais as reflexões propostas por Pierre Bourdieu acerca das representações enquanto portadoras de eficácia simbólica na construção de uma realidade, dos ritos de instituição visceralmente ligados e investidores de autoridade à estas construções e da constituição de capital social, *como o conjunto de recursos que estão ligados à posse de uma*

*rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, em que os agentes se reconhecem como pares ou como vinculados a determinados grupos.*<sup>11</sup>

Após este primeiro momento, instigado pela ingênua suposição romântica da existência de um devir monástico, poderemos mudar nosso foco e nos direcionar a compreensão das especificidades do processo de formação das Irmãs. Nesse sentido Michel Foucault, no intuito de descortinar questões referentes ao estabelecimento das relações de poder e saber dentro da congregação, assim como das possíveis formas de sujeição, situando-as sempre dentro de um discurso normatizador, é um respaldo primoroso.<sup>12</sup> Vale pontuar que este discurso atua sobre os corpos e mentes das futuras irmãs, instituindo papéis sociais. Como tratamos de uma congregação feminina, torna-se gritante a reflexão acerca das possíveis contradições entre ser freira e mulher. Quais as práticas existentes para lidar - ou velar - questões referentes à sexualidade? Como se processa a reelaboração identitária feminina em um espaço que, *a priori*, supomos assexuado? Quais os elementos que, por fim, vão configurar este ser – feminino e em relação ao quê ele acaba por se constituir? Para tanto, Guacira Lopes Louro oferece-nos consistente respaldo ao relacionar questões como sexualidade e educação, escolarizada ou não, a partir de referenciais pós-estruturalistas, estendendo o conceito de diferença e percebendo-o através da linguagem e suas significações.<sup>13</sup>

Ao tecer interpretações acerca deste complexo processo de formação, repleto de meandros e sutilezas, faz-se mister relacioná-lo com o direcionamento dado a estas irmãs e, conseqüentemente, pensar as formas de atuação e inserção social delas. Qual era - e é - a função social de uma freira? Como elas se situavam dentro da estrutura eclesiástica? O que as diferenciava de uma leiga assistente social? O que as instituía socialmente enquanto freiras agora que o hábito não era mais exigido? É importante pontuar que estaremos pensando estes aspectos dentro de um efervescente contexto, onde o novo, ao mesmo tempo em que fascina e aguça, aterroriza. Além de um breve retorno a Bourdieu e seus escritos acerca das trocas

simbólicas e ritos de instituição, como já pontuados, lançar-nos-emos à análise do cotidiano destas irmãs, percebendo-o enquanto espaço politizado e campo profícuo de análise de conjunturas sociais, a partir de uma leitura hermenêutica, a qual pressupõe formas interpretativas da experiência de vida em sociedade.<sup>14</sup>

Ao invés de respostas ou constatações, esta comunicação vem, além de sugerir algumas possibilidades metodológicas e diferentes abordagens acerca do monasticismo feminino, trazer dúvidas e inquietações afinal, pensar a respeito de uma congregação religiosa feminina é pensar sobre mim. Pensar sobre nós. Vivemos em uma sociedade, mesmo que inúmeras vezes a contragosto, arraigada em valores cristãos. Tais valores nos permeiam, nos comandam e nos regulam. Seja através de discursos, educandários, hospitais, creches, trabalhos comunitários e/ ou pastorais as irmãs fazem-se presentes. Estão vivas. Marcam-nos o corpo ou jazem, de alguma forma, em nosso âmago. A Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição aparece, neste contexto, como encantadora possibilidade. Não que acredite ser possível fugir desta rede discursiva e instituir novos valores através de um trabalho historiográfico. Até porque isto implicaria apenas na substituição de algumas regras normativas. No entanto espero que, por meio dele, seja-me permitido experimentar, da mesma forma que Victor Hugo ao humanizar a quimérica Irmã Simplícia, os deleites de evidenciar as irmãs que tanto me marcaram, me assombraram e me encantaram, enquanto mulheres que vivem, e temem, e sofrem e sorriem e sentem e choram de emoção.

---

<sup>1</sup> HUGO, Victor. *Os Miseráveis*. São Paulo: Edameris, 1967. Livro 2, p 80.

<sup>2</sup> Cf. ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Record, 1986.; DIDEROT, Denis. *A Religiosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.; SHAKESPEARE, William. *Comédias e Sonetos*. São Paulo: Abril Cultural, 1981; HUGO, Victor. *Os Miseráveis*. São Paulo: Edameris, 1967.; PENA, Martins. *O Noviço*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.; GUIMARÃES, Bernardo. *O Seminarista*. São Paulo: Ática, 1976. ; POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

<sup>3</sup> Em 1988, o Papa concedeu à religiosa o título de venerável. Ou seja, o Vaticano reconheceu que em diversos pontos do país havia seguidores de Madre Paulina. Em 1990, depois de 24 anos de investigações médicas e espirituais, o Vaticano confirmou a veracidade do primeiro milagre da religiosa, ocorrido em 1966 com a cura da catarinense Eluisa Rosa de Souza. Em 1991, quando esteve em Florianópolis, capital de Santa Catarina, o papa oficializou a beatificação de Madre Paulina. Em 14 de Dezembro de 2000, o Tribunal Eclesiástico da Igreja Católica confirmou a veracidade do segundo milagre da religiosa, concebido no dia 5 de Junho de 1992, com a cura da menina Iza Bruna Vieira, em Rio Branco, no Acre. Em 7 de Julho de 2001, o Papa assinou um termo para confirmar a veracidade dos dois milagres de Madre Paulina. Em 26 de Fevereiro de 2002, o Papa anunciou a canonização de Madre Paulina para 19 de maio de 2002.

---

<sup>4</sup> Informações disponíveis no site oficial da congregação: <http://www.ciic.org.br/>

<sup>5</sup> Para uma discussão mais elaborada acerca da educação na perspectiva dos estudos culturais cf. SILVA, Tomaz Tadeu. (Org). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Vozes, 1995.

<sup>6</sup> Link **Identificação** disponível na página oficial da CIIC – Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição. <http://www.ciic.org.br/identificacao.htm>; acessado em 06 de setembro de 2004.

<sup>7</sup> BOLZAN, Ir. Leodi, 38 anos. Depoimento, setembro de 2004, Itajaí. Entrevistadora: Caroline Jaques Cubas. Acervo da autora.

<sup>8</sup> SANSONOWICZ, Onice. Depoimento obtido através de conversa informal e documentado através de anotações pessoais, com a autorização da informante, abril de 2004, Itajaí. Entrevistadora: Caroline Jaques Cubas. Acervo da autora.

<sup>9</sup> Para uma discussão mais elaborada acerca das definições territoriais cf. BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p.107.

<sup>10</sup> SILVA, Marilda Checcuci Gonçalves da. *Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí*. Blumenau: Edifurb, 2001.

<sup>11</sup> BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.10. Cf. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. e BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Ed. da USP, 1998.

<sup>12</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.; FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.; FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. e FOUCAULT, Michel. *Vigília e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>13</sup> Cf. LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. *Labrys: revista eletrônica de estudos feministas*. n 4, agosto/ dezembro de 2003. Disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem/>, acesso em 15 de maio de 2004. LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.. Nas redes do conceito LOURO, Guacira Lopes de gênero. In LOPES, M. J.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. *Gênero e Saúde*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996. LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Para uma reflexão inicial acerca da teoria pós-estruturalista cf. SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo horizonte: Autêntica, 1999.

<sup>14</sup> DIAS, Maria Odila Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. *Projeto História*. São Paulo, (17), nov.1998.